



ENTREVISTA ¹

DE UMA LITERATURA SOBRE A VIOLÊNCIA: UM DEBATE COM A ESCRITORA PATRÍCIA MELO

Com 27 anos de carreira, Patrícia Melo é um dos nomes mais expressivos da ficção brasileira contemporânea. Seus mais de 10 livros, ainda que heterogêneos e plurais, convergem na temática: a violência. De fato, mesmo correndo o risco de simplificação, sua obra gira em torno de aspectos típicos da violência brasileira, em todas as suas faces: antissemitismo, machismo, misoginia, racismo, entre tantas outras formas. Patrícia imprime uma espécie de estética da violência, transpondo à ficção a brutalidade em seus amplos aspectos. Nesse debate, gravado no dia 14 de maio de 2020, pela plataforma *Google Meet*, a escritora falou sobre a violência brasileira em perspectiva ampla, mas se dedicando a dois de seus aspectos: o machismo e o antissemitismo, em dois de seus livros, *Valsa negra* (2003) e *Mulheres empilhadas* (2019). Em *Valsa negra*, Patrícia apresenta um maestro que, obsessivo com sua mulher, amalgama antissemitismo com machismo em uma violência que vai gradualmente ascendendo; já em *Mulheres empilhadas*, seu último livro e considerado pela autora como um “negativo” de *Valsa negra*, a violência contra a mulher assume tema central conforme uma advogada se embrenha no Acre para pesquisar sobre feminicídios.

SERGIO SCHARGEL: Somos muito gratos a você, Patrícia, pela oportunidade de conversarmos sobre sua obra. Preparamos algumas perguntas mais gerais, outras sobre livros que dialogam entre si, como a obra *Mulheres empilhadas*, *O matador*, *Ladrão de cadáveres*, e

¹ Entrevista concedida a **Camila WIELMOWICKI UCHOA**, Doutoranda em Letras na PUC-Rio, no programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade. – Contato: camiuchoa@gmail.com e **Sergio SCHARGEL** (Doutorando em Letras pela USP. Mestre em Letras pela PUC-Rio. – Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com)



algumas mais específicas sobre *Valsa negra*, relacionadas ao antissemitismo e judaísmo. Vamos começar?

PATRÍCIA MELO: ok.

SERGIO SCHARGEL: Levando em consideração as noções de micropoder e biopolítica de Foucault, você acha que há uma influência do micropoder nos personagens de sua obra? Não vamos entrar tanto nas ideias de Foucault, mas não há como negar que há conceitos que tem uma relevância para o tema, como este citado. Você vê a influência dessa ideia do micropoder como um diferencial no enredo? Por exemplo em *O matador*, há um personagem relativamente comum, que a partir do momento que tem aquela ruptura, quando tingi o cabelo, é como se afluísse uma nova persona. Você enxerga muito essa relação da obtenção do poder com a violência? Particularmente em dois livros, o *Valsa negra* e o *Mulheres empilhadas*, na questão do poder do homem sobre a mulher?

PATRÍCIA MELO: Eu acredito que a violência é uma forma de poder. De poder e de visibilidade. E até de identidade. No caso especificamente do *Matador*, a única forma que ele encontra de ter visibilidade, identidade e poder, em uma sociedade da qual ele é completamente excluído, é através da violência. Isso não significa que há em *O matador* qualquer apologia ao crime, mas é um fato: a violência é uma forma de poder. Em várias esferas e com várias formas de abordagem eu mostro isso em meus romances.

SERGIO SCHARGEL: Em *Valsa negra*, esse poder também ocorre de forma semelhante? O poder do homem sobre a mulher, a dominação do protagonista, que não é judeu e quer apagar aquele traço da identidade de sua mulher, acha que isso também ocorre?

PATRÍCIA MELO: É a questão novamente da identidade e da ideia de pertencimento a algo. Eu uso a situação da comunidade judaica e desse personagem, que é um brasileiro que casa com uma garota de uma sociedade judaica muito estruturada e mantenedora de seus valores, para mostrar justamente esse desvinculamento, ele se sente um excluído. E isso aciona nele também este desejo de pertencimento, que ele nem reconhece como um desejo. Na verdade, isso se manifesta nele como um desejo de autoridade, de controle. De certa forma, nós podemos dizer que o *Valsa negra* é o negativo do *Mulheres empilhadas*, porque ele mostra sim a questão do patriarcado, esse controle da sexualidade da mulher. A sexualidade da mulher como algo carente de controle. E ele se vê completamente desestruturado quando se dá conta dessa mulher



que, para ele, é uma estrangeira. Ou melhor, para o mundo dela, ele é um estrangeiro. Ele não consegue dominar aquela mulher da maneira como está habituado a vivenciar as relações em uma sociedade patriarcal.

CAMILA W. UCHOA: Como entramos no tema do livro *Valsa negra*, talvez fosse interessante perguntar primeiramente sobre o nome do livro, uma questão que chama a atenção. E o fato do personagem protagonista ser um maestro. Você escolheu o universo da música por ser justamente permeado por relações hierárquicas e machistas? E a valsa, que é uma dança regrada, onde o homem conduz a mulher?

PATRÍCIA MELO: As duas coisas. Primeiro que a valsa é circular, com uma obsessão. O livro trata muito da questão da obsessão, que é um gatilho nesta relação de domínio homem-mulher. Tem uma pensadora, que estava lendo esses dias um texto tão interessante, sobre violência e masculinidade, a Lia Zanotta - não sei se estou citando corretamente o nome dela. Mas ela vai falar das estruturas lacanianas da obsessão masculina, que é aquela figura que é tão narcísica que precisa o tempo todo ter um controle, precisa o tempo todo ser o mundo do outro. Se não é o mundo do outro, precisa destruir esse outro. Porque qualquer discrepância, qualquer diferença entre essa pessoa e o outro, funciona como uma fissura narcísica, como uma falha com a qual ela não consegue lidar. Então, é nesse sentido que a obsessão se faz presente no *Valsa negra*. Então, a valsa é circular, como é o movimento obsessivo. E eu escolhi exatamente a estrutura de uma orquestra, porque eu penso que as orquestras e, talvez, o mundo do cinema, sejam as únicas estruturas do trabalho, dentro desse mundo cada vez mais democrático, nos quais a estrutura hierárquica é permitida. Então, há sim uma hierarquia entre os instrumentos, os maestros, os músicos, os diferentes *naipes* e era importante essa relação de poder entre os personagens. Eu queria que isso derivasse da própria condição dele de interação no mundo, que acontece através do trabalho dele como maestro. Portanto, é exatamente como você colocou nas suas perguntas, muito pertinentes e muito de acordo com as minhas propostas na criação do romance.

CAMILA W. UCHOA: Você tem alguma relação direta com o mundo da música ou não?

PATRÍCIA MELO: Tenho, eu sou casada com um maestro. Mas é muito curioso porque eu sou casada há 13 anos com um maestro. Quando eu acabei de escrever o *Valsa negra*, na época, meus livros eram publicados pela Companhia das Letras. O Luiz Schwarcz, que era meu editor, falou, ‘olha, esse livro tem muita questão musical técnica. Você não acha interessante antes de



publicar enviar para alguma personalidade do mundo da música para ver... Para a gente não correr nenhum risco?'. Ele falava muito de Villa Lobos. E eu falei, 'ah, acho legal'. Então ele me disse que era muito amigo do John Neschling, diretor artístico da OSESP. E enviou meu livro pro Johnny, e foi assim que eu conheci o Johnny, com quem me casei. Então, só pra te responder, o Johnny não foi uma influência no livro, pelo contrário, ele foi uma consequência do romance. *Valsa negra* na verdade foi o que nos uniu.

SERGIO SCHARGEL: Aproveitando que entramos no assunto do *Valsa negra*, seguiremos por aí. Uma das questões que mais fascina no *Valsa negra*, é justamente o antissemitismo, mas não aquele antissemitismo aberto, agressivo. Agressivo também, mas não aquele antissemitismo extremamente violento, de uma violência física. Mas um antissemitismo de certa forma velado, através da incapacidade do protagonista em aceitar a identidade individual da esposa como judia e que vai evoluindo, até explodir. E aí neste ponto o antissemitismo se amalgama com o machismo. Como você enxerga agora - ainda mais depois do caso do Roberto Alvim, em fevereiro (2020) ²-, e como você enxergava esse antissemitismo no Brasil há treze anos atrás? Era através de pequenos atos, pequenas coisas, comentários mais velados?

PATRÍCIA MELO: No Brasil não há um antissemitismo como o que encontramos na Europa. No Brasil, é muito diverso, é um estranhamento cultural. O judeu é um mundo à parte. E é encarado como um mundo à parte. E esse mundo à parte, quando damos a alguma cultura esse caráter de peculiaridade, de uma cultura que não tem nada a ver com a sua, esse estranhamento, já é uma manifestação de preconceito. Porque é um estranhamento de um olhar que não se reconhece, que não reconhece o outro como pertencente a sua comunidade. Isso é um nível brando de preconceito, quase que uma ignorância do preconceito, você só vê aquilo, como você vê nas estruturas míticas, como você vê na própria Bíblia, a ideia do vizinho como o estranho. Tanto que na Bíblia você tem o mandamento de amar o seu vizinho. Esse mandamento "ame ao próximo como você ama a si mesmo" na verdade já é uma reescritura de "ame o seu vizinho como você ama a si próprio", a ideia de estrangeiro originalmente era o vizinho. No Brasil, o judeu é o outro, a comunidade judaica é aquela comunidade que você não conhece muito bem, não é brasileira, não entende, tem um nome estranho, um nome que você não está acostumado a ouvir e tal. O que é muito diferente desse antissemitismo histórico e secular da Europa. Mas

² No início de 2020, o então Secretário da Cultura de Jair Bolsonaro, Roberto Alvim, publicou um vídeo que simulava a estética nazista, com uma retórica semelhante à de Joseph Goebbels. Pressionado, Bolsonaro foi forçado a demitir Alvim.



o meu intuito era exatamente trabalhar essa zona do preconceito, essa zona cinzenta, que tem a ver também com a ignorância, com a incapacidade de analisar, incapacidade crítica de entender aquela outra cultura, de entender a diferença, de admirar a diferença. Então, por isso eu insiro essa ideia que me pareceu muito forte, essa ideia de que a diferença deles se dá pelo fato de que ela é judia e ele é de uma classe média brasileira que praticamente nunca tinha convivido com os judeus. Mas eu acho que isso é uma coisa que, quando paramos para pensar, por exemplo, que aqui no Brasil como há uma narrativa do governo Bolsonaro contra uma suposta ameaça comunista, pode haver também da mesma maneira a incitação de uma narrativa antissemita. E desse estranhamento, advindo desse desconhecimento de uma realidade judaica, pode haver um encadeamento para um preconceito ativo e feroz, pode acontecer com uma mudança muito rápida de pensamento. Vejamos, houve o episódio do Alvim. Depois houve outro, que espantosamente é da comunidade judaica, esse assessor de comunicação do Bolsonaro, da SECOM (Fábio Wajngarten). Ele fez uma reedição do “trabalho liberta” que estava escrito no Campo de Concentração de Auschwitz, trouxe essa ideia nazista tentando incuti-la em um contexto “favorável”, “positivo”. Se há um fortalecimento dessa narrativa, não há dúvida que no Brasil esse antissemitismo evolui de forma rápida e vira algo concreto. Não tenho dúvida quanto a isso.

CAMILA W. UCHOA: Ainda tratando do mesmo tema, um ponto que liga a questão do Bolsonaro com a comunidade judaica é justamente a discussão armamentista. O Estado de Israel tem um exército fortemente armado e é sempre nessa jogada política que Bolsonaro aposta quando fala com a comunidade judaica. No livro há uma certa crítica em relação a essa questão.

PATRÍCIA MELO: O Estado de Israel é um Estado que está em permanente ameaça. Sobre essa cultura armamentista, eu não sou a favor, sou absolutamente contra, mas é um Estado que vive sob ameaça. Quer dizer, a identificação de Bolsonaro com isso passa por um desentendimento total também sobre a real questão. Só passa pela arma e nada mais.

CAMILA W. UCHOA: Não sei se houve uma intenção de fazer também uma crítica a essa abordagem armamentista de Israel no livro *Valsa negra*.

PATRÍCIA MELO: Não, eu faço talvez uma referência à situação de Israel na época, que na verdade não mudou muito. Desde então tem sido terrível a relação com a Palestina, tem sido terrivelmente truculenta. Israel trata muito mal a comunidade árabe, os assentamentos, etc. Acho que foi mais uma crítica à situação de Israel naquele momento e que hoje é até mais grave.

CAMILA W. UCHOA: Você já teve alguma experiência direta em Israel? Passou por alguma situação, viu esse cenário de hostilidade de perto?

PATRÍCIA MELO: Não. Eu estive três vezes em Israel, nunca em estadias muito longas para que eu pudesse ter a vivência, como boa observadora mesmo, para poder observar as relações. Mas eu li bastante sobre essa tensão que existe, tem um livro que eu gosto muito que se chama *Minha terra prometida*, O autor faz uma radiografia dessa relação entre israelenses e palestinos que nunca vi melhor. É um jornalista importante, é o Ari Shavit. E li também o Thomas Friedman, li bastante sobre essa tensão entre a cultura árabe e a cultura judaica, dentro de Israel. O próprio Philip Roth, no *Operação Shylock*, fala muito dessa tensão. Enfim, eu tive muito material na escritura do romance, foi muita pesquisa. Foi mais pesquisa do que vivência. Aliás eu só fui conhecer Israel depois de publicado o *Valsa negra*. Acho que a primeira vez que eu fui pra Israel foi no final de 2007. Eu publiquei *Valsa negra* em 2005.

SERGIO SCHARGEL: Retornando para o contexto do Brasil um pouco, uma questão que assusta muito é que, como você falou, ainda não há um ataque direto aos judeus por parte do governo, talvez por toda essa relação entre o nacionalismo brasileiro e o nacionalismo israelense, então, o que aconteceu foi que a população judaica, em torno de 60%, de acordo com uma pesquisa do Datafolha, apoiou o governo na eleição. E o que vemos é um crescimento desse ódio, mesmo que ainda indireto como, por exemplo, com as mulheres e, principalmente, com a população negra. Mas do ano passado até o momento presente tivemos, por exemplo, alguns casos. O caso de um mineiro que foi para um bar com uma suástica, não sei se você tomou conhecimento. Um curitibano que fez a mesma coisa em um *shopping*, além de várias suásticas que foram riscadas em carros em Curitiba. E uma pesquisadora da UNICAMP apontou um crescimento de cerca de um total de 300 células neonazistas no Brasil este ano.

PATRÍCIA MELO: É importante, não podemos nos referir à comunidade judaica como se fosse uma coisa uniforme e uma coisa só. Da mesma forma que houve apoio de judeus à eleição de Bolsonaro, há aí também o pedido da CONIB por uma explicação pelo fato desse assessor de comunicação do Bolsonaro ter usado esse slogan fascista, “só o trabalho liberta”. A própria CIP de São Paulo, a Comunidade Israelita Paulistana, também se manifestou. Então, acho que não dá para falar da comunidade judaica brasileira como ela sendo uniforme e patrocinadora do Bolsonaro. Acho que há uma parte importante da comunidade judaica brasileira absolutamente contra Bolsonaro e atuante nesse sentido. Agora, acho que em todo país onde se cultiva o



discurso do ódio, não há dúvida que se abre espaço para o crescimento do antissemitismo. E é o que aconteceu. Um Brasil polarizado, como na ocasião da eleição de Bolsonaro, essa polarização alimenta o discurso de ódio e com o discurso de ódio o antissemitismo é quase inevitável. Então, acho que era um pouco previsível que isso fosse acontecer. Era só uma questão de tempo. E ele vai se fortalecer ou ser extinto de acordo com a resposta da sociedade e das instituições garantidoras de segurança. Como você permite que uma figura ostente um símbolo do Nazismo? Isso é crime, esse indivíduo tem que responder pelo crime que cometeu. Se deixamos essas figuras soltas, sem nenhuma punição, é claro que o antissemitismo vai crescer como grama. Vai depender um pouco de como vamos responder a isso, e eu espero que respondamos da maneira mais enérgica possível.

CAMILA W. UCHOA: Essa semana foi divulgada uma foto de um pronunciamento de Bolsonaro, em Brasília, em que se viam pessoas fazendo a saudação nazista.

PATRÍCIA MELO: É estarrecedor isso. E eu espero que isso esteja sendo devidamente investigado, essas pessoas estejam sendo identificadas, e que elas respondam por isso. Para mim isso é crime. É um crime tão ofensivo quanto o daquela mulher que em um *shopping center* ofendeu um segurança - não sei exatamente a função dele - pelo fato dele ser negro. São crimes que têm a mesma gravidade e que precisam ser punidos com rigor. Não sei como isso evoluiu, mas eu não espero nada desse governo. Eu só espero que ele termine o quanto antes. Porque eu acho que nunca estivemos, nunca fomos tão fundo no lodo como estamos nesse momento. Então, eu não me surpreenderia se me dissessem que essas pessoas continuam livres e fazendo isso sem nenhuma consequência.

CAMILA W. UCHOA: Até então não houve nenhuma repercussão sobre esse ato, nenhuma punição, nenhuma discussão, para falar a verdade.

PATRÍCIA MELO: Vemos como a imprensa é importante nesse momento porque essas ações isoladas de desrespeito e de cometimento de crimes, elas são punidas ou não de acordo com a visibilidade que ganham na imprensa. Se a imprensa trata delas, isso acaba chamando a atenção e quase que obrigando as instituições a tomarem atitudes. Se isso é ignorado e vira algo local, vivenciado muito privadamente, não há consequências. Vemos que a imprensa tem um papel muito ampliado nesse momento em que vivemos tendências autoritárias e diminuição das liberdades.



CAMILA W. UCHOA: Você pretende retomar esse tema do antissemitismo em algum livro futuro? Aliás, já está pensando em um próximo livro?

PATRÍCIA MELO: Eu estou pensando em um próximo livro, mas não passa pela questão do antissemitismo. Eu estou muito focada na questão da miséria. Acho que era um assunto que já me preocupava, sendo brasileira, e a miséria sendo parte da nossa realidade, mas eu a vejo muito agravada agora com a pandemia. Estava vendo um desses órgãos medidores, observadores - na verdade, poderia dizer mais assim, da realidade Latino-americana - diz que na pós-pandemia a América Latina vai ter mais 29 milhões de pobres. Pessoas que perderam o emprego, enfim, que vão enfrentar uma situação de pobreza real. Esse é um assunto que já me chamava bastante atenção, já me ocupa há algum tempo, e acho que é sobre isso que vou escrever no meu próximo romance. Acho que vamos ter um aumento da miséria, e não só na América Latina, vemos o número de desempregados nos Estados Unidos crescendo também. Eu acho que já ultrapassamos a realidade da crise de 1930, da quebra da bolsa de 1929. E acho que vamos ter uma época muito dura agora e a miséria vai ser um tema central.

CAMILA W. UCHOA: Na verdade, gostaria de voltar um pouco no tema do preconceito, mas visto por um outro viés. Você acha que existe uma relação ambígua entre o intelectualismo e as diversas formas de preconceito, como o fato de que algumas pessoas se sentem superiores às demais? Há um trecho no *Valsa negra* que é muito significativo, trata-se da seguinte fala do maestro: “Ouvi suas críticas com atenção e seriedade, mas quando ela começou a me acusar de ser antinordestino e a dizer que eu desprezava a cultura popular ou folclórica, detestava o rock inteligente, aquilo me pareceu tão sem sentido que eu não consegui segurar mais o riso. Viva os índios, gritei.” Existe essa relação ambígua entre o intelectual e um certo preconceito de, às vezes ter um pensamento como “ah, isso é cultura popular”, de rebaixar, ou então de apontar negativamente, essa coisa da identidade, “ah não, esse aqui é o nordestino, esse aqui é o índio”, como se fosse classificando mesmo?

PATRÍCIA MELO: Toda vez que olhamos essas diferenças, manifestações da cultura como se houvesse uma hierarquia que não há, há espaço para o preconceito. Não há hierarquia, são manifestações culturais distintas. No livro, o maestro passa por isso, ele é uma figura que tem sim um olhar enviesado para a cultura popular, ele é a própria personificação do patriarcado, ele é a elite, ele é o que há de mais sofisticado, que é uma cultura clássica, a música erudita e, lógico que ele olha de maneira enviesada. Isso era proposital na estrutura do romance, esse



preconceito de fato existe quando há essa arrogância de que existe uma manifestação cultural hierarquicamente superior à outra. Vemos isso muito claramente. A própria maneira como o Brasil encara a cultura indígena. Lembro de uma declaração desse presidente (Bolsonaro) dizendo que “os índios gostariam de ser pessoas comuns, como nós”. O sentido era esse, de que na verdade, o desejo, o objetivo de vida do indígena eram na verdade passar a existir como uma pessoa da vida urbana, da cultura urbana brasileira, pós-industrial. O que é uma completa falta de entendimento do que significa a cultura indígena, do que ela é na sua essência, do que ela representa na história do nosso país, na nossa formação. Então, quando você encara essas manifestações como se houvesse uma hierarquia mesmo, como se elas fossem inferiores à cultura urbana, citadina, branca, que é vista como a cultura superior, de elite, literária - sendo que não existe isso - o preconceito surge exatamente desse lugar, da ignorância do valor das diferentes culturas.

SERGIO SCHARGEL e **Camila W. U.:** Patricia, é isso. Encerramos assim nesta concordância. Agradecemos muito a sua disponibilidade e abertura para falar sobre sua obra e temas tão caros à nossa atualidade.